

Duelo: Representações das diferenças regionais a partir de um conto de

João Guimarães Rosa

Marcelo Abreu
LABHOI/UFF

*Duelo*¹ é a estória de duas vinganças: a de Turíbio Todo contra Cassiano Gomes e de Cassiano Gomes contra Turíbio Todo. O primeiro, traído, intenta e tenta matar o último. Mata o irmão de Cassiano, e esse passo em falso no percurso imaginado por Turíbio coloca Cassiano Gomes em seu encaixe. Os dois se embrenham sertão a fora, meses a fio se perseguem sem encontro e resultado. Resulta, no entanto, que o sertão os refaz por dentro. A astúcia dos dois personagens cresce e nenhuma vingança acontece. Não nesse primeiro ato, pois Turíbio atravessa um último rio. Encontra “baianos são-pauleiros” e segue com eles para as lavouras de São Paulo. Cassiano morre de morte morrida no arraial do Mosquito, longe. Avisado, Turíbio volta. Quando volta já é outro. A vingança, porém, o espera porque mora nos intentos e fidelidade de um capiauzinho mofino, Timpim Vinte-e-Um, compadre de Cassiano Gomes no Mosquito. A morte de Turíbio Todo, entretanto, já começava antes.

Turíbio era seleiro por profissão, mas *“com a estrada de ferro, e, mais tarde, o advento das duas estradas de automóvel, rarearam as encomendas de arreios e cangalhas, e Turíbio Todo caiu por força na vadiação”*². Uma vadiação de Turíbio era pescar – foi. E daí sucedeu que mal sucedida pescaria fez ele voltar antes do previsto para casa, sem aviso. Surpreendeu, ao ouvir vozes dentro de casa que o convidaram a espiar pela fisga da porta, sua mulher dona Silivana e Cassiano Gomes *“em pleno adultério, no mais doce, dado e descuidoso dos idílios fraudulentos”*³. Sem alaridos chegou, mais insuspeitado saiu. Turíbio nada fez porque Cassiano Gomes era *“ex-aspençada do 1º. pelotão da 2ª. companhia do 5º. Batalhão de Infantaria da Força Pública, onde as gentes aprendiam a manejar, por música, o Zb tchecoslovaco e até as metralhadoras pesadas Hotchkiss; e era, portanto, muito homem para lhe acertar um balaço na testa”*⁴. Turíbio pressente o perigo nos modernos saberes do outro e vai *“cozinhar o seu ódio branco em panela de água fria”*⁵. Daí

por diante é o que já se sabe: as duas vinganças, a andança pelo sertão, a passagem do último rio, o São Paulo, a volta para o sertão, a vingança consumada e a morte.

Duelo pode ser a história de uma mudança: a redefinição do espaço nacional provocada pelo processo de modernização capitalista que refazia e abria fronteiras, deslocava gentes de um canto a outro e mudava as visões de mundo em um ritmo que se pretendia tão rápido quanto o trem de ferro⁶. Nessa trama de tempos e mudanças, destinos individuais e coletivos se alteravam tomados pelo movimento e outro olhar sobre o regional se inventou a partir da literatura⁷. *Duelo* pode ser a alegoria de espaços que se conjugavam e diferenciavam: o sertão e “o São Paulo”. É a trama das representações dessas regiões imaginadas⁸ que este artigo tateia.

Guimarães Rosa é um dos escritores em que se afina a consciência de que a linguagem literária institui um mundo imaginário⁹. Entre as décadas de 1930 e 1940, nas obras que promoveram a invenção do que Antonio Candido chamou de regionalismo problemático¹⁰ prevalecia um estilo documentário que procurava representar o real. O super-regionalismo¹¹ de Guimarães Rosa transcende o documentário. A partir dos modelos reais, consciente ou inconscientemente propostos, e do estudo e incorporação da linguagem sertaneja, institui um mundo e um homem diferentes¹². A invenção imaginária do espaço em que se desenrola a narrativa é um dos aspectos desta instituição imaginária do mundo e do homem na literatura de Guimarães Rosa.

O sertão imaginário, que se anuncia claro na invenção toponímica característica de *Grande Sertão: veredas*¹³, também se realiza em *Sagarana*, particularmente em *Duelo*. Diferente dos outros contos, em que as andanças se fazem entre dois pontos fixos, como por exemplo em o *Burrinho Pedrês*, em *Duelo* o espaço se cria a partir da deambulação dos dois personagens pelo sertão da Transmantiqueira de belos montes, rios vales e de boa gente: “Mas, homens são os homens; e a paciência serve para vãos andares, em meados de maio ou final de agosto. Garruchas há que sozinhas disparam. E é muito fácil arranjar-se uma cruz para as sepulturas de beira de estrada, porque a bananeira-do-campo tem os

*galhos horizontais, em ângulos retos com o tronco, simétricos, se continuando dos lados, e é só ir cortando, todos, com exclusão de dois*¹⁴. É como se a natureza colaborasse no intento dos homens, tanto na vida quanto na morte.

Enquanto Turíbio Todo e Cassiano Gomes se perseguem, os limites do sertão se definem na passagem por grotões, lugarejos, estradas, caminhos, travessia de rios. Os dois personagens vão urdindo suas vinganças na astúcia de caminhos elípticos, espiralados e retos que se cruzam em tempos diferentes, *“traçando por todos os lados linhas apressadas, num raio de dez léguas, na mesopotâmia que vai do Rio das Velhas [...] até ao Paraopeba*¹⁵. Nesse momento da narrativa, que se inicia com a dupla perseguição e fuga, esse espaço de brenhas, curvas, espirais é a metáfora de um tempo que foge a qualquer relógio. É um tempo que se pressente nos mutuns que cantavam às horas dos galos, no rio Paraopeba que *“era um longo tom, lamentoso”*, no *“frio de se sentar em costas de homens”* que caía das estrelas, no *“cheiro das folhagens molhadas”*, nos passarinhos que anunciam a madrugada até a barra do dia vir quebrando¹⁶. O tempo humano nesse espaço imaginado esta conforme a natureza; e os rios, vários, são sua metáfora e dividem a geografia simbólica do sertão em dois lados¹⁷: na mesopotâmia entre o Rio das Velhas e o Paraopeba, é o sabido na palma da mão; além do Paraopeba, rio fundo que nunca dá vau, é o que não se sabe.

É justamente a travessia do Paraopeba por Turíbio Todo que marca o ponto da narrativa em que a perseguição se suspende, adiando a vingança. Á margem do rio, as trajetórias dos personagens convergem, quase se encontram, quase decidem o duelo. Turíbio Todo atravessa o segundo rio grande em sua fuga conduzido por Chico Barqueiro. O balseiro, sabedor da perseguição e fuga pela boca de Cassiano Gomes, não perde oportunidade de zombar da covardia de Turíbio dizendo: *“O senhor é o sujeito meio ordinário, sem sustância e sem caráter! Se fosse homem, voltava*¹⁸. Com esse desaforo, Turíbio atravessa o tempo fundo do Paraopeba e vai entrando em lugares que desconhecia. Turíbio Todo vai subindo, direção do sul, e gostava de *“ficar livre de tantas canseiras”* ao

olhar de outras terras, plantas, bichos, gente: *“Subiu até onde as cercas de arame farpado cediam lugar a tapumes de pau-a-pique [...]. Subiu mais. Agora avistava amuramentos de pedras pretas, trabalho dos negros cativos. As pequenas fazendas não tinham mais varandas [...]. E o povo comia feijão preto, em vez de feijão mulatinho. E era gente boa, mas ainda mais desconfiada do que a sua. E, então, ele viu que tinha entornado outra cabaça de léguas, e que havia espichado mais mundo para trás”*¹⁹. Turíbio percebe que estava no “começo da zona a que chamam Oeste de Minas”. Um outro rio aparece em seu caminho e a mudança se anuncia como convite:

“- Que rio é este, tão bonito, moço?

- É o Pará... Pois então?!... Mas, vam`passar p`ra o outro lado, que aqui ta braba a maleita!...

- Ah, isso não! Passar, não posso, que já atravessei dois e mais não quero, porque quem passa três rios grandes esquece o seu bem-querer...Mas, qual é o comércio mais forte daqui por perto?

- É Sant`Ana-do-João-Acima...

- Vou lá, p`ra ver se mando uma cartinha p`r`a mulher!

Depois, uma turma de sujeitos alegres o interpelou. Iam para o sul, para as lavouras de café. Baianos são-pauleiros. E um deles:

- Eh, mano velho! Baâmo pro São Paulo, tchente!... Ganhá munto denheêro... Tchente! Lá tchove denhéro no tchão...

*Sentiu saudades da mulher. Mas era só por uns tempos. Mandava buscá-la, depois. Foi também.*²⁰

Aqui a narrativa se interrompe, não se relata a andança de Turíbio Todo até São Paulo, e Guimarães Rosa conta o tempo que Cassiano passa entre seu descanso na Vista Alegre, onde sabe através de dona Silivana que Turíbio partira para “o São Paulo”, e sua morte natural, do coração, no arraial do Mosquito. Nesse lugarejo, Cassiano torna-se, na hora da morte, compadre por afinidade de Timpim Vinte-e-Um porque deu dinheiro ao

capiau para que trouxesse o médico que salvaria a vida de seu filho mais novo. A morte de Cassiano dá lugar a novo corte narrativo, passando a breve volta de Turíbio Todo.

Na primeira parte, a da perseguição e fuga, e na segunda, o tempo de Cassiano Gomes no arraial do Mosquito, as imagens da região são substantivas: o sertão de Minas é um espaço repleto de árvores, bichos, relevos e tempos marcados pela comunhão do homem com o mundo natural. É também o lugar em que a honra e a fidelidade aos juramentos não se negociam, ainda que o dinheiro sirva de instrumento para a criação de laços de compadrio como o que ligava Cassiano Gomes a Timpim Vinte-e-Um. E é mais a covardia que o dinheiro chovendo no chão que levam Turíbio Todo a ir para o Guaxupé. Na terceira e última parte do conto, a imagem de São Paulo é alusiva e se revela na transformação que a vivência nas lavouras de café operou no personagem que conduz a narrativa. Sem querer investir em uma atitude disjuntiva frente à invenção de Guimarães Rosa²¹, parece-me que, consciente ou inconscientemente, o autor cria uma imagem de São Paulo calcada na ausência. E, portanto, a imagem alusiva que surge de São Paulo parece oposta à imagem do sertão de Minas Gerais.

Essa suposta oposição se revela inicialmente no encontro de Turíbio com os “*baianos são-pauleiros*” e depois, com mais força, no encontro entre Turíbio Todo e Timpim Vinte-e-Um, o momento em que a fina ironia tece o drama. A conversão de Turíbio se apresenta nas primeiras linhas. No início do conto, sua descrição física acentua a existência de um papo, provocado pela doença de Chagas. Chamado de papudo por todos, envergonhado, amofina-se, recolhido na profissão de seleiro que o permitia trabalhar em casa. Quando recebe a carta da mulher pedindo seu regresso, já é outro. É mesmo mais confiante em seus dotes físicos: *“Ele tinha ganho já bons cobres, e a carta da mulher acabou de o convencer: comprou mala, comprou presentes, pos um lenço verde no pescoço, para disfarçar o papo; calçou botas vermelhas, de lustre; e veio. [...] Saltou do trem também com uma piteira, um relógio de pulseira, boas roupas e uma nova concepção do universo”*²². Volta a bordo do trem-de-ferro, o mesmo que lhe tirara o sustento, que lhe fizera

“*cair por força na vadiação*” e na pescaria mal sucedida e fatal. Com a pressa da saudade, contando horas no relógio de pulso, toma um animal emprestado e segue para a Vista Alegre.

Na estrada, Timpim Vinte-e-Um alcança Turíbio e este puxa conversa com o capiau “*com um sorrisinho cheio de cacos de dentes*” que fazia graça ao olhar diferente de Turíbio. A apresentação do aspecto físico, vestes, qualidade da montaria de Vinte-e-Um, compõe a imagem do capiau tão difundida em parte da literatura regionalista produzida nas décadas anteriores e, sobretudo, através da imagem do Jeca Tatu de Monteiro Lobato²³: “*Turíbio não lhe tirava os olhos de cima, achando-lhe uma graça imensa, na cara, no todo, na cavalgadura, na grenha piolhífera e no balandrau. Mas simpatizava com o tipo. E ofereceu-lhe o maço de cigarros*”²⁴. Vinte-e-Um recusa dizendo: “*Eu pito é destes nossos, dos de palha... A gente está acostumado com grossaria só...*”²⁵. No diálogo dos dois, também é marcada a diferença entre Turíbio e Vinte-e-Um: enquanto na voz do primeiro as expressões características da linguagem sertaneja desapareceram, na do segundo elas ressoam. Vinte-e-Um pergunta:

“ – *Ainda que mal pergunte, o senhor será mesmo o seu Turíbio Todo, seleiro lá na vista alegre, que está chegando das estranhas?...*

- *Sou sim. Vim do São Paulo... Como é que você está sabendo? Cheguei hoje...*

- *Me contaram, lá no comércio...*

Turíbio riu. Cada vez gostava mais do caipirinha.

- *Por que é que uns como você não vão também trabalhar lá? Podiam ganhar dinheiro, aprender a viver. Isto, por aqui, não é vida, é uma miséria-magra... Se você quiser ir, eu explico tudo direito, te ajudo com dinheiro, até.*

- *Qual!... A gente nasceu aqui, vai ficando por aqui mesmo...*”²⁶

Seguem caminho e param a beira de um córrego onde os dois cavalos bebem. Voltando a andar, atravessado o tempo raso do riacho, Turíbio retoma a conversa dizendo-se alegre por que mataria a saudade da mulher que não via há muito tempo. Fala da

intenção de voltar para São Paulo com dona Silivana para gozar a vida. Vinte-e-Um secunda afirmando que não vale ficar alegre: *“A gente vive sofrendo... Todo mundo é só padecer... Não vale a pena!... E depois a gente tem de morrer mesmo um dia...”*²⁷. Ao que Turíbio Todo responde: *“Sabe? Você precisa é de tratar da saúde, para não ficar com essas idéias”*²⁸. Seguem o caminho até que a estrada entre *“num mato fechado, onde tudo era silêncio e sombra”*²⁹.

Nesse ponto, Timpim Vinte-e-Um anuncia com voz firme e propositada: *“Seu Turíbio! Se apeie e reza que agora eu vou lhe matar!”*³⁰, segurando na mão direita uma velha garrucha de dois canos. Turíbio contesta, e cresce nele novamente o sertanejo: *“Deixe de unha, cachorro, que eu te retalho na taca!”*³¹. Vinte-e-Um, reivindicando a lógica reinante nas brenhas diz que não adianta, que pede perdão a Deus, *“mas não tem outro jeito, porque eu prometi ao meu compadre Cassiano, lá no mosquito, na horinha mesma dele fechar os olhos”*³². Turíbio reivindica a lógica reinante no lugar onde chove dinheiro no chão e faz a proposta, tremendo: *“Ah, quanto é que ele te pagou? Eu posso dar em dobro, te dou tudo que eu tiver!”*³³. Vinte-e-Um fala mais uma vez da promessa feita como retribuição ao fato de Cassiano ter salvado a vida de seu filho. Aí Turíbio apela para o seu universo – de Vinte-e-Um e dele ainda - dizendo: *“Pelo amor da Virgem Santíssima! Pelo amor do teu filho! Não faz isso! Deus castiga!... Não me mata...”*³⁴. Reencontrados, Vinte-e-Um insiste para que Turíbio reze. O antigo seleiro da Vista Alegre começa rezar aos soluços, mas recusa-se a morrer como um carneiro e tenta um último golpe de coragem: *“Curvou de banda e puxou o revolver, e foi um golpe de rédeas e outro de esporas, fazendo o cavalo se empinar. [...] Mas a garrucha não negou fogo”*³⁵.

No confronto definitivo, a imagem alusiva de São Paulo como região da modernidade capitalista, espaço de objetivação de *“outra concepção do universo”*, se mistura à imagem substantiva do sertão, espaço em que honra e fidelidade não se negociam e se fundamentam no sagrado. A estória inventa uma alegoria da história do processo de modernização promovido pelo capitalismo em expansão naquele contexto a partir de um

lugar: a região de São Paulo. Cria-se uma alegoria dos processos vividos a partir da linguagem literária que torna mais complexa a representação que a história e as ciências sociais puderam criar posteriormente aos fatos baseadas no antagonismo entre moderno e tradicional. A trajetória de Turíbio Todo entre dois espaços identificados a duas “concepções do universo” aparentemente antagônicas e seu ponto final revela a síntese de duas visões de mundo.

¹ v., ROSA, João Guimarães. Sagarana. – 14^a ed. – Rio de Janeiro, José Olympio, 1971. p. 141-172.

² cf., ROSA, João Guimarães. *op. cit.* p. 142.

³ Cf., ROSA, João Guimarães. *op. cit.* p. 143.

⁴ Idem.

⁵ Idem.

⁶ v., OLIVEIRA, Francisco de. Elegia para uma re(li)gião; SUDENE, Nordeste, Planejamento e Conflito de Classes. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977; CANDIDO, Antonio. Os parceiros do Rio Bonito. Rio de Janeiro, José Olympio, 1964; VELHO, Otávio. Capitalismo autoritário e campesinato. Rio de Janeiro, Difel, 1979.

⁷ cf., CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: A educação pela noite e outros ensaios. – 2^a ed. - São Paulo, Ática, 1989. p. 159-161.

⁸ Sobre a noção de lugar imaginado e sobre o espaço como lugar que se pratica, consulte-se respectivamente: GUPTA, Akhil e FERGUSON, James. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antonio Augusto. (org.) O espaço da diferença. Campinas, Papirus, 2000. p. 30-47; e CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano; artes de fazer. Petrópolis, Vozes, 1994. Cap. IX. p. 199-217.

⁹ cf., CÂNDIDO, Antônio. *op. cit.* p. 206.

¹⁰ v. CANDIDO, Antonio. *op. cit.* p. 159.

¹¹ v., CANDIDO, Antonio. *Op.cit.* p. 161.

¹² cf., CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. In: Tese e antítese. São Paulo, Cia. Editora Nacional, 1978. p. 122.

¹³ v. CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. *op.cit.* p. 124.

¹⁴ cf., ROSA, João Guimarães. *op.cit.* p. 144.

¹⁵ cf., ROSA, João Guimarães. *op.cit.* p. 148.

¹⁶ cf., ROSA, João Guimarães. *op.cit.* p. 152.

¹⁷ Sobre a noção de geografia simbólica do sertão v., CANDIDO, Antonio. O homem dos avessos. *op.cit.* p. 124

¹⁸ cf., ROSA, João Guimarães. *op.cit.* p. 155.

¹⁹ cf., ROSA, João Guimarães. *op.cit.* p. 158.

²⁰ Cf., ROSA, João Guimarães. *op.cit.* p. 159.

²¹ cf., CANDIDO, Antonio. A educação pela noite e outros ensaios. *op.cit.* p. 206-207

²² cf., ROSA, João Guimarães. *op.cit.* p. 165-166.

²³ v., FERREIRA, Antonio Celso. A epopéia bandeirante; letrados, instituições, invenção histórica (1870-1940). São Paulo, Ed.UNESP, 2002; v. CAMPOS, A. L. V.. Terra, trabalho e progresso na obra de Monteiro Lobato. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 6, n. 12, p. 65-72, 1986.

²⁴ Cf., ROSA, João Guimarães. *op.cit.* p. 167.

²⁵ Cf., ROSA, João Guimarães. *op.cit.* p. 168.

²⁶ Idem.

²⁷ Cf., ROSA, João Guimarães. *op.cit.* p. 170.

²⁸ Idem.

²⁹ Ibidem.

³⁰ Idem.

³¹ Cf., ROSA, João Guimarães. *op.cit.* p. 171.

³² Idem.

³³ Ibidem.

³⁴ Idem.

³⁵ Ibidem.